

Ensaio sobre Linguagem, Tradução e Literatura em Johann Gottfried Herder. Alguns apontamentos.

Henrique Sagebin Bordini¹

Resumo: O presente artigo busca apresentar as teorias de Johann Gottfried Herder (1744-1803) sobre a origem da linguagem, sobre tradução e seus textos de crítica literária da juventude focando na relação entre literatura e língua materna. Dialogando com os conceitos de *Povo* e de *Nação*, também se deu especial atenção à literatura contemporânea e à Exofonia.

Palavras-chave: Herder; origem da linguagem; tradução; nação; exofonia.

Zusammenfassung: In dem vorliegenden Aufsatz sollen Johann Gottfried Herders (1744-1803) Theorien zum Ursprung der Sprache, zur Übersetzung und seine Texte von Literaturkritik aus seiner Jugendzeit vorgestellt werden, die sich mit dem Verhältnis von Literatur und Muttersprache befassen. Im Dialog mit den Begriffen Volk und Nation wurde auch zur zeitgenössischen Literatur und zur Exophonie besondere Aufmerksamkeit gegeben.

Schlüsselwörter: Herder; Ursprung der Sprache; Übersetzung; Nation; Exophonie.

Em seu livro de 1993, **Nações sem Nacionalismo** [*Nations without Nationalism*], Julia Kristeva esboça uma pequena história das ideias de nacionalidade e nacionalismo partindo do pertencimento religioso até chegar à noção de ser humano presente na Declaração dos Direitos Humanos da ONU de 1947, passando pela Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789. Ao analisar as correntes ideológicas e intelectuais que antecederam e culminaram no documento legado pela Revolução Francesa, a autora traz duas correntes intelectuais comumente apresentadas como antagônicas, o Iluminismo Francês e o Tempestade e Ímpeto. A maneira como esses dois movimentos intelectuais fundamentaram o pertencimento à nação é diversa; enquanto os franceses, influenciados por Montesquieu (1689-1755), fundamentaram o seu pertencimento na ideia de um Espírito Comum [*Esprit Général*], os alemães encontraram o seu pertencimento na ideia de Espírito do Povo [*Volksgeist*], comumente atribuída a Johann Gottfried Herder (1744 - 1803).

¹ Doutorando em Literatura Comparada na Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg.
hsbordini@gmail.com

Uma das mais importantes publicações recentes acerca do tema Exofonia começa justamente com uma citação de Herder. Deste autor vem a afirmação “o gênio da língua é também o gênio da literatura de uma nação” (HERDER, 1985, p. 178); destacar a importância da compreensão de uma determinada língua para a compreensão de uma determinada literatura é algo que, à sua época, está vinculado aos debates filosóficos mais importantes, por exemplo, a relação entre o pensamento e a maneira como este é expresso (TRABANT, 2001, p. 4). Enquanto suas contribuições, como a valorização do folclore e da língua popular, foram essenciais para a formulação da ideia de nação pelo movimento romântico alemão que lhe sucedeu (BERLIN, 2013, p. 208), é possível também encontrar nessas mesmas formulações um cunho cosmopolita (KRISTEVA, 1993, p. 39 - 40), onde a ideia de Espírito do Povo está mais próxima de um respeito incondicional à cultura popular independentemente das fronteiras geográfica e política que a restringe.

O presente artigo tem como objetivo apresentar a teoria da origem da linguagem e a teoria da tradução de Johann Gottfried Herder à luz de sua recente fortuna crítica e de estudos sobre Exofonia. Lançando mão de recentes questionamentos sobre a adoção do pensamento deste autor na fundamentação do ideário nacionalista a partir da Revolução Francesa e do Romantismo Alemão, é possível perceber que a ideia de nação, que liga um povo a uma língua materna, integra um panorama intelectual muito específico - e diferente do contemporâneo - onde os Estados-Nação ainda estavam em processo de formação (NOYES, 2015, p. 82). A abordagem de uma língua como língua nacional no contexto da Europa central do século XVIII encontra eco na percepção contemporânea de escritos de autorias que não empregam sua língua materna por razões várias, da expulsão de seus países, de migrações forçadas até o uso voluntário de mais de uma língua em obras literárias. Uma vez que este tema é muito abrangente, o presente artigo propõe analisar brevemente pontos da filosofia da linguagem e da crítica literária de Herder, elucidando o vínculo entre língua materna e nação que lhe é atribuído.

Herder foi um pensador prolífico, intuitivo e, para muitos, assistemático. Mas é possível encontrar, através da leitura de seus textos de juventude, culminando em seu *Ensaio sobre a Origem da Linguagem* (1772), uma ideia constante de movimento. Tanto a origem da poesia, quanto a origem da linguagem, são explicadas por ele através de um raciocínio de continuidade que tentarei apresentar a seguir, com a exposição de sua biografia e de seus primeiros escritos.

1 Johann Gottfried Herder

Johann Gottfried Herder nasceu no ano de 1744 na província de Mohrungen, então parte da Prússia Oriental, hoje Morąg, na Polônia, em uma família de poucos recursos que se dedicava à tecelagem. Sua família era de confissão Pietista e seu pai complementava a renda como sacristão. Sua mãe Anna Elisabeth Peltz (1717 - 1772) lhe deu a primeira instrução, ensinando-o a ler, escrever e inspirou-lhe o interesse por contos populares. O nascimento de Herder se dá antes da unificação e formação Alemanha e o país, que hoje conhecemos, era uma agremiação de diversos principados ainda herdeiros da ideia política de um Sacro-Império Romano-Germânico, ordem política que - apesar de ainda existir - não era mais que uma rede burocrática em plena decadência (BOHM, 2009, p. 278). Significa dizer que se está tratando aqui de uma região geográfica unificada apenas pela semelhança entre as diversas variantes da língua alemã que se falavam nas ruas e nas cortes, não em todas, como é o caso da Prússia de Frederico II, cujos despachos eram redigidos em Francês.

Um ponto essencial para se compreender o cenário intelectual em que Herder viveu seus anos de formação é a influência francesa nos territórios em que se falava a língua alemã, seja essa influência na literatura, seja na filosofia. Em 1762, o autor parte de sua cidade natal para iniciar a sua vida universitária em Königsberg, onde foi aluno de dois nomes muito importantes para a história do *Esclarecimento* e do *Tempestade e Ímpeto*. Para Immanuel Kant, Herder escreveu seu primeiro texto filosófico, o *Ensaio sobre o Ser [Versuch über das Sein]* (1764); de Georg Hamann, Herder herdou sua paixão por Shakespeare e a valorização da língua alemã, na verdade, a fortuna crítica é unívoca ao afirmar que Hamann foi o nome que direcionou o interesse de Herder para a compreensão do valor da língua materna (ARNOLD, KLOOCKE & MENZE, 2009, p. 400). Hamann chamava a atenção para o valor intelectual da experiência individual e do sentimento [*Empfindung*] como integrantes da compreensão humana. Após uma crise religiosa e profissional quando esteve na Inglaterra, Hamann retorna à Königsberg e, ajudado por Kant, começa a traduzir os artigos da *Encyclopédie*, um encargo que ao invés de reaproximá-lo do estilo esclarecido o faz voltar-se contra o mesmo, taxando-o de desumanizador e limitador da experiência humana (HAYNES, 2007, p. viii).

Em seu período universitário, Herder estudou também a filosofia política e filosofia da história, área em que se tornaria extremamente relevante no futuro. Era um bom conhecedor da obra de Montesquieu (OLENDER, 2012, p. 206) e, a partir das aulas de Kant, teve contato com as ideias de David Hume (FORSTER, 2010, p. 37). O Kant que leciona para Herder, e que terá nele (e em Hamann) uma das primeiras de suas

refutações, é um Kant ainda próximo do Ceticismo, que introduziu a uma geração de alunos as obras de Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 - 1716) e de Christian Wolff (1679 - 1754), e está ainda a dezesseis anos da publicação da primeira edição da Crítica da razão pura, não tendo então criado o sistema metafísico pelo qual é conhecido (HARRISON, 1952, p. 16). Em 1764, então com 19 anos de idade, Herder escreve o seu Ensaio sobre o Ser, uma obra que marca uma tomada de posição em relação à filosofia Kantiana de então (MARTINSON, 2009, p. 17).

Encerrado o seu período de estudos, Herder se muda para Riga, então parte do Império Russo, um importante porto hanseático onde assume o cargo de professor e pregador da escola da Catedral, por intermédio e indicação de Hamann, e o ofício da educação passa a ocupar o centro de sua produção intelectual, tornando-se também um pensador da pedagogia e um autor que muito chamou a atenção para a necessidade de se pensar e reformular o conceito de formação [*Bildung*] (MULLER-MICHAELS, 2009, p. 388). O discurso *Sobre a diligência no aprendizado das várias línguas cultas* [**Über den Fleiß in mehreren gelehrten Sprachen**] (1764) proferido na Escola da Catedral discute a situação do conhecimento da época sobre o aprendizado de línguas estrangeiras e advoga pela necessidade de se tornar um erudito também na língua materna.

Quando compara as características das línguas com as características dos povos que as falam, Herder se coloca como contrário à teoria da ação do meio ambiente na constituição das línguas, uma posição muito avançada para a sua época, dado que esse determinismo influenciou algumas obras literárias até o princípio do século XX.

A defesa da erudição na língua materna se apoia no fato de que grandes escritores e pensadores (entre outros, Homero, Demóstenes, Cícero, Horácio, Virgílio) o foram em suas próprias línguas maternas, e não em línguas “aprendidas”. Mais do que confiar em traduções para ter acesso às Schönheiten da literatura em língua estrangeira, o erudito deve cultivar paralelamente tanto sua língua materna (...) quanto as línguas eruditas. (MARTINESCHEN, 2013, p. 50)

O traço constante das preocupações de Herder com a tradução é compreender de que modo as traduções agem na formação e na transformação de uma língua nacional (LIFSCHITZ, 2012, p. 163). A compreensão da teoria tradutória de Herder passa por dois de seus textos, o *Sobre a mais recente literatura alemã: primeira coletânea de fragmentos* (1766) e o *Ensaio sobre a origem da linguagem*. Aquele texto é a principal obra escrita em Riga e este é seu primeiro ensaio relevante, tendo sido redigido após a viagem empreendida no ano de 1769, um marco que alterou a sua carreira e vida (MARTINSON, 2009, p. 23).



2 Fragmentos sobre a mais recente literatura

Ainda em Riga, Herder tenta se inserir no cenário intelectual de língua alemã através da publicação de textos fragmentários que dialogam com uma das mais influentes revistas de crítica do século XVIII, a chamada *Cartas sobre a mais recente Literatura [Briefe, die neueste Literatur betreffend]*, que circulou entre os anos de 1759 e 1765, na qual tomaram parte nomes do Esclarecimento como Gotthold Ephraim Lessing (1729 - 1781), Moses Mendelssohn (1729 - 1786), Friedrich Nicolai (1733 - 1811), Thomas Abbt (1738 - 1766). Dois pontos sobre esses escritos de Herder: o seu intuito foi o de responder e comentar o conteúdo destas publicações (MENGES, 2017, p. 190), de maneira que seu texto é sempre uma resposta a uma ideia anteriormente desenvolvida e a sua publicação ocorre apenas a partir do final de 1766, um ano depois da última edição da revista ser posta em circulação. O segundo ponto relevante é que o seu caráter fragmentário é proposital, ainda que involuntário; a fortuna crítica destaca uma troca de cartas entre Hamann e Herder, onde é solicitada a ajuda de Hamann na revisão dos escritos e também lhe é feita a confiança de que ansiava por se lançar no mundo intelectual de forma estrondosa (HARRISON, 1951, p. 31). Herder nunca se animou a desenvolver e publicar esses fragmentos como obra esquematizada com começo, meio e fim, porque não os considerava suficientemente relevantes para carregarem o título de seu primeiro livro, isso o fez publicá-los de forma anônima, ainda que bem recebidos (*Id.*, p. 30).

12

Tanto o periódico quanto as respostas de Herder se apresentaram com o objetivo de fundamentar e alimentar uma primeira ideia de nação alemã nos países em que se falava esta língua através da estética em primeiro lugar e depois pela política (ZAMMITO, 2017, p. 70). Havia nos territórios em que circulavam as *Cartas* um notável sentimento de inferioridade intelectual e seus autores buscaram tanto uma identidade quanto uma valorização:

“Naquela época, a sociedade e a cultura alemãs eram consideradas, tanto por estrangeiros quanto por alemães, atrasadas e inferiores se comparadas com as francesas e inglesas, não acompanhando a marcha dos tempos. Essa sensação de inferioridade levou à noção, notavelmente adotada pelo professor de Leipzig Johann Christoph Gottsched (1700-1766), o “Praeceptor Germaniae” dos anos 1730 e 1740, que uma melhora da literatura alemã somente ocorreria através da imitação dos modelos clássicos latinos e franceses. (KOEPEKE, 2009, p. 218)

Foi na língua alemã como uma forma de conexão que esse grupo de pensadores da literatura e da estética encontrou uma comunidade para além de seus respectivos estados

ou reinos (ADLER, 2017, p. 105). A oposição que Herder tenta levantar contra o modelo francês imposto se faz perceber tanto no modo como formulou suas ideias quanto em seu estilo, pois a clareza e a concisão iluministas são indicativos do profundo cartesianismo imperante na filosofia do século XVIII, uma corrente que, do ponto de vista epistemológico, ao acreditar ser possível chegar a uma linguagem lógica pura, acaba por separar pensamento e discurso (ADLER, 2009, p. 103). O estilo de Herder, frequentemente taxado de assistemático e obscuro (HARRISON, 1951, p. 1), é reflexo de sua epistemologia que prega que os sentidos e o corpo são as únicas ferramentas ou órgãos que permitem acesso à realidade, em forma de fenômenos e a sua assistemática é uma tentativa de escapar desse sistema linguagem-pensamento que, em sua opinião, tolhia o desenvolvimento natural do indivíduo através da repressão de seu espírito interior (NOYES, 2015, p. 129). Tomemos como exemplo a seguinte passagem de seu diário de viagens:

“Com este espírito das boas maneiras, os franceses perdem a maioria de seus sentimentos internos! Assim como a regularidade de sua língua é sempre deslocada pelas boas maneiras, até o ponto de que não se expressa com precisão e de modo direto; assim também as boas maneiras se convertem em barreiras para o espírito!” (HERDER, 1997, p. 97)

Adler defende Herder lembrando que “os últimos duzentos anos de crítica do estilo de Herder foram duzentos anos de crítica aplicada à sua filosofia” (2009, p. 333), pois é também na prosa livre e intuitiva que Herder se opõe ao ideário de Gottsched, onde uma linguagem simples e inequívoca seria um reflexo da suposição corrente do século XVIII de que a verdade é algo que existe fora da linguagem, necessitando esta se adaptar àquela. Como veremos adiante, para Herder a linguagem e razão são a mesma coisa. Assim, se menos rebuscado e abstrato fosse um texto filosófico, mais próximo ele estaria da verdade. Dentro do contexto, a filosofia deveria se opor à invenção e liberdade da poesia e oferecer um discurso "factual". (FORSTER, 2010, p. 93) e é essa forma de enxergar o texto que Herder via como uma influência francesa.

Essa influência francesa poderia ser contornada através do resgate dos modelos clássicos, mas não à moda da corte em Paris, que para Herder é uma imitação [*Nachahmung*] da forma, mas não do conteúdo. O conteúdo do drama grego é mais importante que a sua forma, pois esta mudou e muda através dos séculos e o intento francês de recriar a poética aristotélica ao pé da letra lhe soa como algo anacrônico (GREIF, 2009, p. 151). Os fragmentos de Herder foram publicados em forma de diversas coletâneas, sendo a primeira e a terceira as mais relevantes por se ocuparem do tema da literatura e da tradução, ainda que de forma indireta. A primeira se ocupa da recepção e posterior imitação da literatura clássica e, respondendo a um texto de Moses

Mendelssohn, Herder fala pela primeira vez da teoria das fases da vida da língua. “Assim como o ser humano aparece em diferentes estágios de idade: assim o tempo modifica tudo (...) assim se dá com cada arte e ciência (...) Assim também é com a língua” (HERDER, 2019, p. 49). O autor está consciente de que as línguas passam por diferentes estágios ao longo de sua história, lembrando que “a língua, em sua infância, emite sons monossilábicos, rudes e altos. (...) O susto, o temor e a admiração são as únicas sensações das quais ambos são capazes e a linguagem desses sentimentos são os sons - e os gestos” (*Id.*), para a seguir, explicitar que os sentimentos da língua podem ser treinados e amadurecidos. Para o autor, a língua se inicia como uma imitação de sons da natureza e vai gradativamente se tornando abstrata. A escrita é comparada com a memória e assim como uma pessoa não se lembra de sua infância, uma língua não tem escrita em seu período originário.

A Teoria das fases da vida da língua [*Von den Lebensaltern der Sprache*] diz que a língua é uma faculdade humana que se altera no tempo e essas alterações podem ser divididas em diferentes fases. As diversas civilizações e as línguas compartilham das mesmas fases da vida que um ser humano; é dizer, toda língua possui uma infância, uma adolescência, uma maturidade e uma velhice (KOEPEKE, 2009, p. 218), linguagem e língua são compreendidas como um processo dinâmico, não como objetos neutros que, separados do pensamento, são universais e imutáveis (SPENCER, 2012, p. 59). Levando em consideração a poesia épica e trágica gregas, Herder afirma que as línguas mais antigas estão mais próximas do pensamento mitológico e poético porque em suas sociedades, ainda não secularizadas, a religião exercia um papel mais presente no dia a dia da população, assim a poesia era também ela mais presente, expressando os pensamentos e sentimentos fundamentais da comunidade. Ou seja, um mesmo poema era sentido de maneira diferente na antiguidade do que na contemporaneidade, e à medida que os conhecimentos de uma determinada comunidade se vão expandindo, também se expande a língua. Se uma pessoa madura conhece mais objetos do que uma pessoa imatura, a expansão e a gradativa especificação do vocabulário de uma língua indicam a sua maturidade. (EVRIGENIS & PELLERIN, 2004, p. xlvi)

Também é discutida a possibilidade ou impossibilidade de o grego antigo poder ser traduzido para o alemão. A língua alemã já estaria em uma fase mais madura, caracterizada pelo pensamento abstrato e pela prosa expositiva, o que acarretaria em um maior distanciamento da fantasia, mas afirma também que uma língua pode ser rejuvenescida, justamente buscando inspiração e traduzindo idiomas poéticos de tempos mais antigos (KOEPEKE, 2009, p. 219). Com base nos *Fragmentos* e nos escritos de Michael



Forster segue uma síntese dos principais pontos da teoria tradutória de Herder que tiveram efeito na filosofia da linguagem desenvolvida posteriormente na Alemanha:

O principal desafio de uma tradução se dá diante da radical diferença de “mentalidade” que existe entre línguas diferentes separadas no tempo, por essa razão é necessária a erudição tanto na língua materna quanto na língua traduzida. Essa diferença temporal e cultural pode, por vezes, se tornar intransponível, sendo o tradutor obrigado a tomar partido por um dos dois recursos possíveis: ou a língua em que o texto é traduzido difere de sua gramática e forma tradicionais para acomodar a forma e o conteúdo da língua estrangeira, ou a forma e conteúdo da língua estrangeira são alterados para não interferir na língua em que se traduz o texto. Herder defende que a semântica deve reger a transposição, sendo ela o primeiro objetivo da tradução.

Na primeira coletânea de *Fragmentos*, ao comentar a tradução do Grego Antigo ao Alemão, Herder rejeita a hipótese de que o tradutor deveria fornecer como tradução a obra que o próprio autor teria escrito se a sua língua nativa fosse a língua-alvo argumentando que Homero não teria escrito a *Ilíada* em alemão. Assim, o trabalho de um tradutor é a interpretação da obra que está traduzindo para adaptá-la à sua língua (FORSTER, p. 23) e também a superação dessas discrepâncias conceituais entre a língua de origem e a língua alvo e, uma vez que os significados/conceitos são a utilização de palavras específicas, a sua reprodução no idioma alvo passa pela escolha do tradutor, que busca a palavra mais próxima e a altera semanticamente, imitando o uso da palavra de origem. Isso passa pelo emprego uniforme de um termo específico escolhido pelo tradutor no momento que traduz uma determinada palavra, o que torna a leitura das traduções mais difíceis, mas com uma maior precisão semântica, vista a importância de sentido que a repetição de uma palavra tem para um texto. Herder insiste que, mesmo que um termo em uma língua específica tenha diversos significados diferentes na língua em que será traduzido, o dever do tradutor é tentar encontrar e moldar uma palavra na sua língua materna para tentar, na medida do possível, respeitar essa ideia original. Esse efeito é melhor explicado quando Herder discute a poesia da língua árabe:

“Naturalmente, os inventores das línguas, que eram sem dúvida tudo menos filósofos, expressavam através de uma nova palavra o que eles ainda não sabiam classificar sob um novo conceito. Assim surgiram os *sinônimos*, tão vantajosos aos poetas quanto irritantes para os filósofos da gramática. O poeta árabe, que dispõe de 500 palavras para leão, que significam diferentes condições do mesmo, p. ex. o leão jovem, o leão faminto, pode *pintar* através de uma palavra e falar de forma mais *multifacetada* com essas imagens concebidas com uma pincelada; ele fala de forma muito mais clara do que nós, se contrapor essa palavra com a nossa que apenas pode ser expressa através de especificações.” (HERDER, 1997, p. 195-196, *grifos do autor*)



Quando emprega termos como *pintar* uma palavra ou falar de forma *mais multifacetada* [*vielseitiger*], chama a atenção para a importância que uma palavra específica possui em uma língua, e o tradutor é responsável pela tentativa de manutenção desta especificidade.

A fundamentação deste argumento é semântica, pois tradutor deve levar em consideração a fidelidade estética à expressão exata do sentimento que um texto original exprime através da musicalidade de certas palavras, mas “a forma musical e o conteúdo semântico são estritamente inseparáveis, de forma que a realização do objetivo da realidade semântica necessita que a tradução seja também fiel à forma musical” (FORSTER, 2010, p. 24) e Forster ainda acrescenta que as formas musicais carregam, para Herder, sentidos próprios (como o humor de um jogo de palavras, por exemplo) e que a expressão dos sentimentos passa pela sua musicalidade. (*Id.*). A identidade entre pensamento e linguagem foi um marco na Filosofia da Linguagem, concluindo o debate em voga no Iluminismo, a questão de como o pensamento vira expressão (LIFSCHITZ, 2012, p. 3), mas como a expressão é importante ao pensamento, a tradução que consegue manter a semântica e a musicalidade de certas línguas ajuda a enriquecer a língua para a qual a obra é vertida. A atividade tradutória de Herder se debruçou exclusivamente sobre a lírica, mas suas compilações de obras estrangeiras, ainda que admiradas por seus pares, foram menos influentes que suas reflexões teóricas sobre tradução e línguas estrangeiras, conforme a conclusão de Forster:

“O princípio de Herder de complementar a fidelidade semântica com a fidelidade na reprodução da forma musical teve um impacto especialmente poderoso nesses seus sucessores (Goethe, Humboldt, Schlegel). Seu princípio de “dobrar” o emprego das palavras de forma a lidar com as incomensurabilidades conceituais foi menos observado, mas adotado por Schleiermacher, entre outros (FORSTER, 2010, p. 26)”

O ponto de vista de que as línguas carregam em si as tradições do povo que as fala foi intensamente explorado pelos românticos e pelos linguistas que o sucederam, desaguando em ideias nacionalistas e também racistas (OLENDER, 1992, p. 131). Um movimento recente de reinterpretação da obra de Herder chama a atenção ao seu ensaio sobre a Origem da Linguagem, que apresenta aos leitores uma perspectiva de que todas as línguas podem ser respeitadas igualmente, pois sua origem é comum, assim o debate sobre Exofonia pode ser enriquecido através de alguns pontos apresentados no ensaio e que resumo a seguir.

3 Ensaio sobre a Origem da Linguagem

Em 11 de Julho de 1700, o cenário intelectual de língua alemã recebeu um fôlego científico com a fundação da Real Academia Prussiana de Ciências, uma instituição científica que ora criou, ora introduziu, debates que marcaram os séculos XVI, XVII e XVIII, sendo o principal deles o debate acerca da origem da linguagem. Jürgen Trabant nos lembra que esse debate possui um significado duplo na história intelectual: o primeiro deles é o fato de que o primeiro presidente desta instituição, Gottfried Wilhelm Leibniz (1646 - 1716), editou a primeira publicação desta instituição já com o tema da origem da linguagem. O segundo ponto de destaque é que o debate sobre a origem da língua é, por excelência, uma das primeiras investigações de cunho iluminista porque se afastou da ideia de criação divina da linguagem humana (TRABANT, 2001, p. 2).

Recém retornado da viagem que empreendera à França, Herder se inscreve para o concurso de ensaios científicos da Academia, sendo que a pergunta central a ser respondida era a seguinte: *“Terão os homens, entregues às suas faculdades naturais, podido inventar por si mesmos a linguagem?”*. Na verdade, o texto se demora mais no esforço de refutar a linguagem como criação divina, do que explicar de fato como surgiu a linguagem humana. O ensaio venceu o concurso com um argumento que defende que *“Logo enquanto animal o homem possui linguagem.”* (HERDER, 1987, p. 25). A linguagem não é algo exclusivamente humano, mas sim dos animais em geral, e possui duas funções: a expressão de paixões e a comunicação. Por expressão de paixões, Herder diz que

“Um animal em sofrimento, tal como o herói Filoctetes, há de lamentar-se, há de gemer quando for atacado pela dor. E fá-lo-ia ainda que se encontrasse abandonado numa ilha deserta (...) sem qualquer esperança de vir a encontrar um semelhante capaz de lhe prestar auxílio” (HERDER, 1987, p. 25)

Já a comunicação é compreendida em sua origem como essa expressão das paixões quando direcionada a um outro ser e as sonoridades são “orientadas para uma expressão dirigida às outras criaturas” (*Id.*, p. 27), ou seja, a faculdade da linguagem conhecida por comunicação é uma expressão de paixão direcionada. O raciocínio de Herder é pautado pela continuidade, algo que existia antes continua a existir mudando a sua forma e sendo empregado para uma outra função - é possível encontrar um raciocínio semelhante em sua investigação sobre a origem da poesia.

O Ensaio foi um documento de importância ímpar na história da antropologia por colocar a linguagem no nível do antropológico, oferecendo uma resposta às indagações filosóficas da época que se perguntavam como o pensamento se traduz em expressão.



As conjecturas de Herder, na verdade, apontam para a ideia de linguagem e pensamento são a mesma coisa e se ele afirma isso “é porque Herder soube encontrar os dispositivos metodológicos capazes de operar uma ‘revolução copernicana’ comparável à que Kant efetuou no domínio do conhecimento” (JUSTO, 1987, p. 16). A argumentação da obra é atravessada pelo conceito de *Besonnenheit*.

Besonnenheit é a junção da força do pensamento com a organização dos cinco sentidos humanos. A linguagem humana se separa da linguagem animal através da ideia de *Besonnenheit*: enquanto os animais possuem instinto para se relacionarem com a natureza, o ser humano possui a *Besonnenheit*. “Expressa em termos contemporâneos, Herder utilizou *Besonnenheit* para definir a disposição cognitiva do ser humano que necessita adquirir conhecimentos sobre o mundo em que vive” (TRABANT, 2017, p. 124). Muitas vezes no ensaio, Herder diz tomar a alma humana em sua *globalidade*, que é para ele o raciocínio humano junto dos sentidos. Essa necessidade cognitiva que o ser humano possui de nomear as coisas da natureza é para Herder o próprio pensamento. Assim, pensamento é simultaneamente linguagem. “A linguagem origina-se como especificamente humana apenas a partir da relação semântico-cognitiva com o mundo e, portanto - e isto é o que é decisivo e radicalmente novo em Herder - o pensamento é a palavra.” (*Id.*, p. 125). O que Herder propõe é que o mundo que cerca o ser humano não lhe é inato, o que é inato ao ser humano é a disposição para criar linguagem, mas para isso o ser humano precisa mundo à sua volta para assim se relacionar com ele. “Colocado no estado natural de reflexão que lhe é próprio logo que essa reflexão começou a agir livremente, o homem inventou a linguagem” (HERDER, 1987, p. 55)

Assim, a *Besonnenheit* está entre a expressão das paixões e a comunicação e também está entre a linguagem dos animais e a disposição para a comunicação via linguagem que o ser humano enquanto animal desenvolve:

“A nossa linguagem artificial pode ter suplantado em muito a linguagem da natureza, o nosso modo de vida burguês e o nosso comportamento social podem ter contido, secado ou desviado a torrente e o oceano das paixões tanto quanto se queira, a verdade é que o poderoso momento da impressão, por raro que seja, quando surge, retoma seus direitos e soa imediatamente na sua língua materna, nas intensidades sonoras” (HERDER, 1987, p. 27)

Essa linguagem artificial é criada pelo estímulo acústico do mundo exterior e a conclusão de Herder será a de que a comunicação é apenas uma das faculdades da linguagem. Conforme desenvolve em sua teoria das fases da vida das línguas, as línguas mais antigas ou menos “desenvolvidas” estão mais próximas do estímulo acústico que serviria para nomear a interação com o mundo, mas mesmo que não chegue a comunicar a palavra



nova a um outro ser humano, uma pessoa já tem essa palavra em sua alma, de maneira que a linguagem (que é também o pensamento) é capaz de ter dentro de si a ideia, não sendo necessário falar nada para que se tenha linguagem; o essencial é haver a razão para que exista linguagem, ou “o progresso da linguagem por meio da razão e da razão por meio da linguagem revela-se com máxima nitidez em uma fase em que as línguas tenham dado já alguns passos” (HERDER, 1987, p. 111).

O objetivo da segunda parte do ensaio de Herder é encontrar o caminho à possibilidade e à necessidade da invenção da linguagem pelo ser humano. Dividida na explicação de quatro leis naturais, essa segunda parte se ocupa da relação entre a linguagem e a sociedade que a molda. Revisitando o mito da torre de Babel e o mito da língua Adâmica, o autor traça um raciocínio de continuidade para explicar como o uso dessa linguagem, que já entre os animais servia para a comunicação, se amplia até abarcar agremiações de seres humanos, indo da família até a nação. Essa segunda parte do texto está estruturada na introdução e explicação de quatro leis naturais, a primeira afirma que *o homem é um ser em atividade, que pensa livremente, e cujas forças atuam em progressão; por isso é uma criatura de linguagem.*

A segunda lei natural afirma que o ser humano é por vocação [*in seiner Bestimmung*] uma criatura social, sendo-lhe por isso essencial a criação de uma língua. Na sua exposição e explicação desta lei, são apresentados os aspectos comuns à humanidade como um todo: “Os homens estão enraizados na totalidade da espécie e cada um é apenas uma unidade numa sequência contínua” (HERDER, 1987, p. 137). As primeiras palavras da humanidade são apenas reflexos e mapeamento do mundo que cerca o ser humano, no princípio a linguagem é apenas vocabulário, uma tentativa de tradução de um som. É por essa razão que Herder deduz que o Hebraico e o Grego Antigo são línguas mais eficientes e apropriadas à criação poética que línguas contemporâneas a ele, como as neolatinas e o alemão. Herder vê nas línguas clássicas traços de línguas ainda mais antigas e que já desapareceram. Seguindo os passos de seu mestre Hamann, na obra *Aesthetica in Nuce*, o autor raciocina sobre a máxima de que *a poesia é a língua materna da raça humana*. O desdobramento das línguas, seguindo essa lógica, se dá em dois elementos concomitantes: a transmissão do conhecimento e, por consequência, a socialização das crianças. É necessária a ressalva de que Hamann, que possuía uma visão místico-teológica da linguagem, desaprovou a autonomia concedida por Herder à criação da linguagem por parte da humanidade (SPENCER, 2012, p. 27). Essa autonomia lhe permite enxergar na humanidade um todo intimamente ligado pela faculdade de linguagem cuja transmissão se dá pela educação:

“Como a instrução da alma de cada um é o círculo de ideias da linguagem dos pais, acontece que a *formação progressiva da instrução humana por intermédio do espírito da família, pelo que a natureza uniu toda a espécie humana, é também formação progressiva da linguagem*” (HERDER, 1987, p. 137)

Além de explicar a formação progressiva da linguagem, a presente citação traz pela primeira vez a ideia de círculo, figura presente em suas obras posteriores. Na obra de Herder, o Círculo [*Kreis*] é o limite intransponível da percepção, ele pode se aplicar aos limites da linguagem, à formação política ou à visão de mundo de toda uma época. O círculo pode ser expandido ou modificado ao longo do tempo, mas marca o limite da compreensão humana. Isso pode ser explicado da seguinte maneira:

“O ideal nacional de Herder se delinea, portanto, nos limites definidos pelo raio de um círculo no qual figura a capacidade de identificação e compreensão entre as pessoas: falar e ser entendido, expressar-se e ser sentido, olhar e ser reconhecido no outro” (FERREIRA NETO, 2018, p. 26).

Uma estrutura composta por diversos círculos concêntricos tem o indivíduo em seu centro, sendo o primeiro círculo ao seu redor constituído por sua família, o segundo pelas pessoas mais próximas a ela e assim sucessivamente passando pelo círculo da sociedade. Chamando a humanidade de um gênero em devir [*ein werdendes Geschlecht*], a transmissão da língua (dos pais para as crianças e da posterior interação desses seres humanos com os círculos que excedem a família) é também a transformação e a alteração da língua e através desta transformação há também a transmissão de tradições. Uma vez que a escrita é posterior ao surgimento da linguagem, toda língua carrega em si, para Herder, uma série de tradições que advém de tempos imemoriais.

É na apresentação da terceira lei natural que o autor evidencia a conexão entre língua e nação. Segundo ele “Tal como o gênero humano na sua globalidade não podia continuar a ser uma só horda, também não podia permanecer com uma só língua. Assiste-se, assim, à constituição de diferentes línguas nacionais.” (HERDER, 1987, p. 146). O ponto de partida para explicar o surgimento de diferentes línguas retoma o argumento da transmissão da linguagem centrada no indivíduo. O autor argumenta que assim como

“não existem dois homens que tenham exatamente a mesma forma, os mesmos traços fisionômicos, também, logo do ponto de vista da pronúncia, não podem existir duas línguas que, faladas por dois homens, sejam uma só” (Id., p. 147)

O passo seguinte dessa lógica é entender como as famílias interagem entre si. Se a transmissão da língua significa também a transmissão de tradições, o ambiente em que os seres humanos se desenvolvem influi na língua que falam? Para Herder, sim e não. Apesar

de concordar com a ideia de que o ambiente é importante na formação do vocabulário, a diversidade de disposições internas na alma humana é ainda mais influente neste quesito, pois a humanidade, apesar de ser um gênero [*Geschlecht*] comum para Herder, não é um único grupo homogêneo (SPENCER, 2012, p. 41). A importância do ambiente se dá, já em contato com a quarta e última lei proposta no ensaio, no momento que o ser humano cria uma marca distintiva no ato de reconhecimento e nomeação do mundo que o cerca; essas nomeações são herdadas e transmitidas pela família. O passo seguinte é a forte conexão com a interação social, tanto dentro da família quanto com as outras famílias de um determinado grupo com quem se interage socialmente, uma vez que a referência a essa carga comum é imprescindível em toda e qualquer comunicação (HERDER, 1987, p. 151). Porém, quando as famílias se afastam umas das outras, a língua e as tradições outrora compartilhadas começam a se transformar de diferentes maneiras.

Com a seguinte afirmação, Herder começa a delinear onde as nações podem encontrar seus pontos de discórdia: “Aquela inclinação para a família que, virada para dentro, dá a uma tribo a força da concórdia, quando virada para fora, contra outro grupo, constitui a força da discórdia, o ódio entre as famílias” (Id., p. 152). Ainda que em seus escritos posteriores, como por exemplo o *Também uma Filosofia da História para a Formação da Humanidade (1774)*, Herder se incline mais demoradamente sobre a ideia de nação, ele não a define claramente, mas sempre a contextualiza seguindo esse raciocínio que começa no indivíduo, passa pela família, clã, sociedade, até chegar em nação (IRMSCHER, 2001, p. 42).

As páginas finais do *Ensaio sobre a Origem da Linguagem* tentam resumir o raciocínio de Herder a partir dos seguintes passos:

“A linguagem reproduz-se e progride em íntima ligação com o gênero humano. (...) Cada indivíduo tem todas as faculdades de sua espécie, cada nação tem as faculdades de todas as nações. Contudo, é verdade que uma sociedade consegue inventar mais coisas que um só indivíduo. (...) A progressiva constituição de uma língua aumenta numa proporção muito forte se passamos do homem isolado ao homem integrado na família. (...) Com o tempo, esta tribo, que foi crescendo até se tornar uma pequena nação, instala-se num círculo que se torna seu. Tem um conjunto definido de necessidades e dispõe de linguagem para essas necessidades. (...) A natureza fez com que aqui entroncasse uma outra cadeia, a da *transmissão de povo para povo!* Foi assim que as artes, as ciências, a cultura e a linguagem se refinaram numa enorme progressão através das nações. É este o melhor elo do desenvolvimento, o que a natureza escolheu.” (HERDER, 1987, p. 162 - 165). [grifos do autor]

E com essa afirmação Herder chama a atenção para o seguinte: a forma como a linguagem se desenvolve é inerente à humanidade, porém o caminho percorrido por cada língua (e por consequência por cada tradição) carrega em si particularidades que têm algo a ensinar às outras tradições. A partir dessa conclusão, Trabant explica que, para



Herder, os seres humanos não são animais nacionais [*Nationaltiere*], incapazes de se compreender por conta de suas diferenças, pelo contrário, a humanidade partilha uma história comum, um modo de se desenvolver comum e assim se encaminha para uma sociedade comum (TRABANT, 2017, p. 133). De fato, todo e qualquer ser humano possui a *Besonnenheit*, e munido dessa faculdade, todas as línguas são iguais a partir do instrumental com as quais se desenvolvem. Os eixos em que as línguas se diferenciam umas das outras são a sociedade e a história.

Herder encerra o *Ensaio sobre a Origem da Linguagem* advogando que a identidade entre linguagem e razão é o que faz a humanidade ser algo maior que uma nação. Em um de seus últimos escritos, *A Metacrítica à Crítica da Razão Pura*, de 1799, ele sustenta que a singularidade de cada povo é mais marcante em sua forma espiritual, nas suas tradições herdadas, do que em sua forma material. Por isso o Espírito do Povo [*Volksggeist*] se manifesta antes na história do que na singularidade de cada indivíduo (ZAMMITO, 2017, p. 69).

Conforme Forster coloca na introdução de seu livro, o legado de Herder se faz sentir na fundação de duas áreas: a linguística moderna e a antropologia cultural. Pela ênfase dada à dependência e à limitação do pensamento pela língua e pela importância dada à necessidade de uma abordagem empírica do estudo das diferentes formas de pensar em relação às diferentes línguas, Herder antecipa os escritos de Friedrich Schlegel e de Wilhelm von Humboldt (FORSTER, 2012, p. 26-27). Tal enfoque que estuda diferentes línguas em pé de igualdade foi, para alguns autores que o estudam contemporaneamente, a evidência do seu cosmopolitismo (MENGES, p. 194) e esse seu relativismo também refletiu em sua tese de existência de uma diversidade mental entre diferentes períodos históricos e culturas (ZAMMITO, 2002, p. 344), ponto que foi adotado posteriormente por Franz Boas (1858 - 1942) na fundação da Antropologia Moderna (FORSTER, 2012, p. 206).

4 Um Nacionalista Moderno ou um Cosmopolita Anti-Moderno?

O nacionalismo de Herder se centra no compartilhamento de uma língua e seu estado intelectual veio da percepção que, a seu tempo, diferentes reinos sem muita expressão ou autonomia compartilhavam antes uma mesma língua que valores estéticos e políticos similares. Em *Sobre o efeito da arte poética nos costumes dos povos nos velho e nos novos tempos*, uma obra que integra a sua maturidade, de 1778, ele escreve que, no mundo antigo, “Um poeta é o criador de um povo ao redor de si: ele lhes dá um mundo para ver e tem as suas almas em sua mão para lhes levar até lá” (HERDER, 1997, p. 185),

mas, na sua época, “a Poesia é *Literatura*, um paraíso pleno de belas flores e frutas sorridentes; só que as belas já não mostra o que bom nelas próprias, menos ainda o seu doce gosto” (*Id.*, p. 188). Diante do decoro acadêmico e do emprego prescritivo da poética aristotélica no teatro Francês de seu século, Herder vê na poesia antes um exercício de escrita que a oralidade das antigas tradições e isso é lido como uma perda da sensibilidade [*Empfindung*] em meio ao processo da modernidade, que aliena o ser humano de seus sentimentos (ELIAS, 2011, p. 26).

Para Herder, o Esclarecimento trazia consigo uma tensão subjacente entre um universalismo generalizante e um particularismo excludente, onde os ideais como tolerância religiosa, participação popular e direitos humanos refletem o lado mais positivo da universalidade da razão surge também a sua contraparte mais problemática: a aplicação de uma lógica única para hierarquizar diferentes formas de pensamento, de costumes, de criação artística e poética e que tem o homem europeu em seu topo (FERREIRA NETO, 2018, p. 135). Mas o conhecimento humano, assim como a língua, surge antes de tudo da vivência [*Erfahrung*], esse modo específico de estar no mundo e de se relacionar com ele, tornando a cognição humana antes empírica do que metafísica, e individual, ou “em certo sentido, toda a perfeição humana é *nacional, secular* e, da maneira mais precisa, *individual*” (HERDER, 1978, p. 37). Mas, por outro lado, a experiência coletiva advinda das tradições herdadas pela língua não pode ser hierarquizada por uma razão universal. Os conceitos de *Povo* [*Volk*] e *Nação* [*Nation*] ajudam a compreender o papel da língua na identidade coletiva.

Para Herder, *Povo* é uma categoria originária baseada na autenticidade, identidade comunitária e identidade de sensibilidades que foram cunhadas ao longo dos séculos e transmitidas na pela cultura oral; as canções folclóricas são o mais precioso artefato cultural por carregarem em si uma qualidade transcendental que seria a “voz da humanidade” [*Stimme der Menschheit*] cunhada na sua transmissão de geração em geração (MENGES, 2012, p. 198). Por isso mesmo, o conceito de *Nação* é uma continuidade do conceito de *Povo*. *Nação* designa “povos que comungam de uma língua e uma cultura comum” (FERREIRA NETO, 2018, p. 17) em um sentido étnico-antropológico. A nação busca tentar se reorganizar em torno do *Povo* que compartilha da língua materna, uma vez que Herder vê na generalização iluminista um desprezo pela cultura popular que não se enquadra dentro da ideia da razão universal. Wulf Koepke defende esse conceito de Herder ao afirmar que ele não alimenta uma forma violenta de nacionalismo, pois o seu ideal de *Humanidade* [*Humanität*] não diz respeito à raça, mas à diversidade linguística e cultural como todas igualmente integrantes da experiência humana, não sendo possível hierarquizá-las. (KOEPEKE, 2012, p. 2). Ou seja, a ideia de



povo é uma constante que pode ser encontrada em diferentes manifestações culturais, essas manifestações se dão - à época de Herder - dentro de *nações* (políticas ou não-políticas). As obras nacionais na literatura refletem em si esse antigo povo.

Em seu artigo *A fraturada língua do literário*, Robert Stockhammer analisa a ligação entre a literatura nacional [*Nationalliteratur*], a literatura mundial [*Weltliteratur*] e a língua materna nas obras de Goethe. Iniciando com a explicação da teoria dos atos de fala de John Searle (1932), que aqui no interessa por dispor que o emprego de um vocábulo em diferentes situações determina-lhe diferentes sentidos. Após apresentar os *atos locucionários* (dizer a frase) e os *atos ilocucionários* (o ato executado ao proferir o ato locucionário), Stockhammer chama a atenção para a diferença entre os verbos *meinen* e *bedeuten*, onde este diz respeito ao que algo significa, enquanto àquele, o que se quer dizer e assim traça uma pequena história da introdução de valores de línguas estrangeiras na língua alemã da época de Goethe (e também de Herder), sua recepção e a sua resistência. Ocorre que apesar do fato de que “Goethe também criticou repetidamente uma orientação para modelos estrangeiros que impedia os alemães de se desenvolverem como alemães” (STOCKHAMMER, 2007, p.142), é dele a famosa frase que declara que o tempo das literaturas nacionais se acabava para abrir espaço para a *Weltliteratur*, conceito esse que foi recentemente revisitado (e criticado) por Ottmar Ette. A teoria da linguagem de Herder, que como vimos anteriormente, é emancipatória e prega o respeito mútuo entre as diferentes línguas por refletirem em si as identidades de seus povos, pode ser muito elucidativa para entender os fenômenos mais recentes da literatura contemporânea em que a exophonia se faz cada vez mais presente, tome-se como exemplo escritoras como Yoko Tawada, Lena Gorelik, Saša Stanišić e Anna Yeliz Schentke.

A ideia de nação se transforma no tempo, a ideia de povo, como vimos anteriormente é originária, podendo ser lida em diferentes nações. Recentemente, os estudos sobre literatura exofônica sentenciaram que “a associação direta dos fatores Língua, Literatura e Nação, a partir do qual foi fundada a ideia de Literatura Nacional, nunca foi plenamente verdadeira” (ARNDT, NAGUSCHEWSKI, STOCKHAMMER, 2007, p. 7). De fato, a comunidade dos países de língua portuguesa conta com 9 Estados Membros, cada qual com a sua literatura específica. Por outro lado, um país como a Suíça oferece grandes nomes ao cânone da literatura de língua alemã, ao mesmo tempo que divide a sua literatura nacional com, pelo menos, outras três línguas. Mas essa associação entre língua, literatura e nação foi tão bem-sucedida, segundo os três autores, que até pouco tempo atrás era uma exceção quando alguém escrevia um livro que não na língua em



que aprendera a falar ou com que compartilhava com os outros cidadãos de sua terra natal. (2007, p. 8).

Susan Arndt lembra das violências linguísticas perpetradas nas diferentes ondas do colonialismo, destacando a proibição do uso da língua materna imposta violentamente às pessoas escravizadas para que não pudessem se comunicar, seu horizonte foi arrancado. (ARNDT, 2007, p. 149). A segunda onda do Colonialismo, que existia à época de Herder, foi responsável por uma homogeneização forçada de diversos povos dentro de nações de exploração imperialista europeia, sendo o seu traço mais característico, no campo da política linguística, a implementação de *Grammar Schools* em diversas regiões da África, o que, além de transportar línguas, apagou a identidade que havia entre língua e território (o mesmo aconteceu nas Américas, mas sem essa instituição). E finalmente, “desde que a globalização entrou em sua terceira fase de aceleração, na qual uma cultura transnacional está emergindo ao lado da economia supranacional, é difícil descrever a *Anderssprachigkeit* como uma exceção à regra.” (ARNDT, NAGUSCHEWSKI, STOCKHAMMER, 2007, p. 8). *Anderssprachigkeit* é um neologismo cunhado na língua alemã que denota uma condição significativa para a literatura sempre que se torna visível demais que um escritor está escrevendo em uma língua que não é a de sua origem.

25

Ette nos lembra que o conceito de *Weltliteratur*, tão caro a Goethe, foi desenvolvido justamente na segunda fase da globalização acelerada, assim como “a grande maioria de outros compostos que envolvem a ideia de mundial, como ‘tráfego mundial’, ‘história mundial’ ou ‘consciência mundial’” (ETTE, 2022, p. 12) e reforça uma crítica ao classificá-lo como insuficiente para compreender a complexidade dos movimentos literários da virada do século XX para o XXI e além. Por isso, entre outros fatores, Ette propõe o emprego de *Weltliteraturen*, no plural, para tentar abarcar esses fenômenos advindos da globalização - e, hoje mais que nunca - das grandes ondas migratórias, forçadas ou voluntárias e conclui que

“(…) hoje apenas as abordagens culturais e estético-literárias orientadas para a mobilidade e a vetorização parecem ser capazes de fazer justiça à variedade complexa de mudanças altamente dinâmicas através da observação de trajetórias vetoriais no campo transareal das literaturas do mundo (...). Isso porque as literaturas do mundo não brotam de uma única língua, uma única área, de uma única lógica (...) mas chegam até nós advindas de muitos lugares e de muitos momentos simultaneamente” (*Id.* p. 14)

Assim, dentro do contexto político e histórico em que Herder viveu, pode-se dizer que o seu nacionalismo se dá antes de existir um Estado-Nação alemão, algo que se concretizará no processo de modernização posterior. O seu lado cosmopolita surge de um

processo que, dentro desse mesmo contexto, se levanta contra um tipo específico de globalização, sendo considerado por Isaiah Berlin, por exemplo, como anti-moderno.

5 Considerações Finais

O raciocínio que Herder apresentou ao discorrer sobre a origem da poesia e sobre a origem da linguagem tinha em seu centro a ideia de continuidade, sendo contrário a uma sistematização que colocasse pontos fixos na história como um marco inicial. Seja na continuidade entre linguagem e pensamento, seja na continuidade entre *povo* e *nação*, a sua tolerância pelas diferentes línguas se baseou na tradição que elas carregam consigo, merecendo por isso se desenvolver e se manifestar livremente. É consenso nos estudos recentes sobre sua obra, que para Herder a valorização da língua materna e da poesia popular se sobrepõe a um projeto de institucionalização de um Estado-Nação.

Seria interessante pensar até que ponto línguas que se deslocam refletem também o deslocamento de pessoas e grupos em pleno século XXI. O mesmo vale para o que a literatura contemporânea refletirá à medida que obras que empregam mais de uma língua são publicadas, traduzidas e circulam. A contribuição de Herder pode servir como ponto de partida para se pensar o que significa um livro que carrega várias línguas, vários horizontes e várias tradições em si, respeitando-se, mas jamais se sobrepondo.

26

6 Referências Bibliográficas

ADLER, Hans. **Herder's concept of Humanität**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.

ADLER, Hans. **Herder's Style**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.

ARNDT, Susan. **Postkoloniales Palimpsest. Igbo-Reflexizierung und Lexemisierung in der englischsprachigen nigerianischen Literatur**. In: ARNDT, Susan, NAGUSCHEWSKI, Dirk & STOCKHAMMER, Robert (Hgg). **Exophonie. Anders-Sprachigkeit (in) der Literatur**. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2007.

ARNDT, Susan, NAGUSCHEWSKI, Dirk & STOCKHAMMER, Robert. **Die Unselbstverständlichkeit der Sprache (Einleitung)**. In: ARNDT, Susan, NAGUSCHEWSKI, Dirk & STOCKHAMMER, Robert (Hgg). **Exophonie. Anders-Sprachigkeit (in) der Literatur**. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2007.

- ARNOLD, Günter; KLOOCKE, Kurt & MENZE, Ernst. **Herder's Reception and Influence**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- BERLIN, Isaiah. **Three Critics of the Enlightenment. Vico, Herder & Hamann**. New Jersey: Princeton University Press, 2013.
- BERMAN, Antoine. **A prova do estrangeiro. Cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin**. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru: EDUSC, 2002.
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Trad. Ruy Jungmann. 2ª Edição Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011
- ETTE, Ottmar. **Fractais do Mundo: caminhos pelas Literaturas do Mundo**. 1ª Ed. Trad. Gerson Roberto Neumann e Marianna Ilgenfritz Daudt. Porto Alegre: Class, 2022.
- EVRIENIS, Ioannis & PELLERIN, Daniel. **Introduction**. In: HERDER, J. G. **Another Philosophy of History**. Indianapolis: Hackett Publishing Company, 2004.
- FERREIRA NETO, Orlando Marcondes. **O pensamento histórico do jovem Herder: crítica ao Esclarecimento e a formação da nação (1765 - 1774)**. 2018. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. doi:10.11606/T.8.2019.tde-21022019-094947. Acesso em: 2022-08-04
- FORSTER, Michael. **After Herder: Philosophy of Language in the German Tradition**. New York: Oxford University Press, 2010.
- GAIER, Ulrich. **Myth, Mythology, New Mythology**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- GREIF, Stefan. **Herder's Aesthetics and Poetics**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- HARRISON, John. **Introduction**. In: HERDER, J. G. **Journal of my Travels in the Year 1769**. New York: Columbia University Press, 1952.
- HAYNES, Kenneth. **Introduction**. In: HAMANN, G. **Writings on Philosophy and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- HEINZ, Marion & CLAIRMONT, Heinrich. **Herder's Epistemology**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- HEISE, Jens. **Johann Gottfried Herder zur Einführung**. Hamburg: Junius Verlag, 2006.
- HERDER, Johann Gottfried. **Werke in Zehn Bänden: Band 1: Frühe Schriften 1764 - 1772**. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1987.

- HERDER, Johann Gottfried. **Werke in Zehn Bänden: Band 9**. Frankfurt am Main: Deutscher Klassiker Verlag, 1997.
- HERDER, Johann Gottfried. **Ensaio sobre a Origem da Linguagem**. 1ª Edição. Trad. de José M. Justo. Lisboa: Antígona, 1985.
- IRMSCHER, Hans Dietrich. **Zur Ästhetik des jungen Herder**. In: SAUDER, Gerhard (org.). **Johann Gottfried Herder (1744-1803)**. Hamburg: Felix Meiner Verlag, 1987. p. 43 - 76.
- JUSTO, José M. **Introdução**. In: HERDER, Johann G. **Ensaio sobre a Origem da Linguagem**. Trad. de José M. Justo. 1ª Edição. Lisboa: Antígona, 1987.
- KELLETAT, Andreas, **Herder und die Weltliteratur, zur Geschichte des Übersetzens im 18. Jahrhundert**. Frankfurt am Main: Peter Lang Verlag, 1984.
- KOEPKE, Wulf. **Herder's Views on the Germans and Their Future Literature**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- KUNISCH, Johannes. **Friedrich der Große: der König und seiner Zeit**. Munique: C. H. Beck Verlag, 2014.
- LIFSCHITZ, Avi. **Language and Enlightenment. The Berlin Debates of the Eighteenth Century**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- MARTINESCHEN, Daniel. **A reflexão tradutória de Johann Gottfried Herder: estudo e antologia**. Monografia - Faculdade de Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- MARTINSON, Steven. **Herder's Life and Works**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- MENGES, Karl. **Particular Universals: Herder on National Literature, Popular Literature, and World Literature**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- MÜLLER-MICHAELS, Harro. **Herder in Office: his Duties as Superintendent of Schools**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- MESCHONNIC, Henri. **The origin of origins: a play in five acts, with a prologue im Himmel and an epilogue auf der Erde**. In: TRABANT, Jürgen & WARD, Sean (ed.). **New Essays on the Origin of Language**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2001.
- NORTON, Robert. **Herder as Critical Contemporary**. In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder**. Rochester: Camden House, 2009.
- NOYES, John K. **Herder: Aesthetics against Imperialism**. Toronto: Toronto University Press, 2015.

- OLENDER, Michael. **As línguas do Paraíso. Arianos e Semitas: um casamento providencial.** Trad. Bruno Feitler. São Paulo: Editora Phoebus, 2012.
- ROSENFELD, Anatol. **História da literatura e do teatro alemães.** São Paulo: Perspectiva: Editora da Universidade de São Paulo, 1965.
- SPENCER, Vicki A. **Herder's Political Thought: A Study on Language, Culture and Community.** Toronto: University of Toronto Press, 2012.
- STOCKHAMMER, Robert. **Die gebrochenen Sprache des Literarischen. Goethe gegen Searle.** In: ARNDT, Susan, NAGUSCHEWSKI, Dirk & STOCKHAMMER, Robert (Hgg). **Exophonie. Anders-Sprachigkeit (in) der Literatur.** Berlin; Kulturverlag Kadmos, 2007.
- TRABANT, Jürgen. **Herder and Language.** In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder.** Rochester: Camden House, 2009.
- TRABANT, Jürgen. **Introduction. New Perspectives on an old Academic Question.** In: TRABANT, Jürgen & WARD, Sean (Org.). **New Essays on the Origin of Languages.** Berlin/New York: De Gruyter, 2001.
- ZAMMITO, John. **Kant, Herder, and the Birth of Anthropology.** Chicago: University of Chicago Press, 2002.
- ZAMMITO, John. **Herder and Historical Metanarrative: What's Philosophical about History?** In: ADLER, Hans & KOEPKE, Wulf (ed.). **A Companion to the Works of Johann Gottfried Herder.** Rochester: Camden House, 2009.
- ZHANG, Chunjie. **Transculturality and German Discourse in the Age of European Colonialism.** Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2017.